RECENSÃO AO LIVRO-ENSAIO *Domenico Scarlatti*

MIRABEL, Martin. Arles: Actes Sud, 2019. 160 pp.
ISBN: 978-2330122256

Sónia Duarte

ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal; CESEM – Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., Lisboa, Portugal

soniamariaduarte@campus.ul.pt / soniaduarte@fcsh.unl.pt – ORCID | 0000-0002-1192-153X
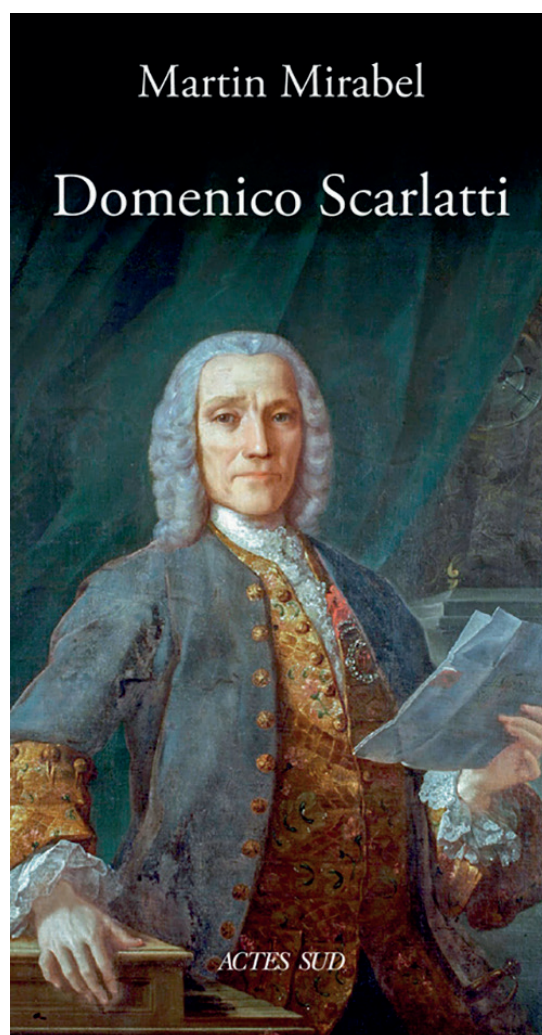
Fig. 01. Capa da publicação: Retrato de Domenico Scarlatti, ca. 1739, Domingo Antonio de Velasco (at.); óleo s/ tela; 131,1x109,5 cm; Casa dos Patudos/Museu de Alpiarça, Santarém.

Domenico Scarlatti[1] é o título do livro-ensaio do escritor e realizador de cinema francês Martin Mirabel. Dado à estampa em Setembro de 2019 pela Actes Sud, o livro apresenta uma sucessão de episódios cronológicos que nos permite conhecer melhor a vida e obra de Domenico Scarlatti, o cravista virtuoso, compositor, maestro e pedagogo do tempo do Barroco que estadeou em Portugal por quase dez anos (1719-29). O volume entrecruza-se, naturalmente, com o último filme-documentário de Mirabel – *Lucas Debargue: tout à la musique* (2017) – baseado no início de carreira do pianista que tem Domenico Scarlatti como referência[2].

Prefaciado pelo crítico musical André Tubeuf (n. 1930) que lhe enfatiza o carácter doméstico, reservado, neurasténico, principesco e laborioso confortado pela timidez sonora do seu cravo (pp. 9-12), o livro é seguido de um prólogo (pp.13-14) e de uma subdivisão em três partes: I. "Comment devenir fils" (pp.15-54); II. "Comment devenir père" (pp.55-92); III. e "Comment devenir Esprit" (pp.93-129). Nos apensos finais, o autor expõe uma breve cronologia e um elenco de referências bibliográficas e discográficas em torno de Domenico Scarlatti, artista nascido a 26 de Outubro de 1685, na *Via* Toledo, em Nápoles, cidade à época sob domínio espanhol, sendo coevo directo de Bach e Haendel.

1 Em Portugal e Espanha também chamado de Domingo Escarlate (Escarlati ou Escarlatti).
2 Entre os discos a solo do pianista francês Lucas Debargue (n. Paris, 23 de Outubro de 1990), laureado no XV International Tchaikovsky, encontra-se *Scarlatti: 52 sonatas* (Sony, 2019).

O livro é gráfico. O autor põe-se muitas vezes dentro dos acontecimentos e seduz-nos. Uma coeva Nápoles "[...] violente. Elle amplifie tout, la joie comme la tristesse. Cette vitalité, cette énergie, ce pôle d'activité ont plutôt tendance à inhiber Domenico [...]" (p. 22). Uma Veneza na qual Domenico se "[...] croise des chanteuses, des courtisanes, des nonnes, des comédiennes, des danseuses, des putains, tout ce monde dont les différences sont loin d'être évidentes en fonction des heures du jour et de la nuit [...]" (p. 28). Ou uma Lisboa, aquela em que chegara a 29 de Novembro de 1719, "attachée au Nouveau Monde par l'océan" e na qual "[l]a vie plus sauvage, les moeurs plus primitives et les passions plus violentes [...]" (pp. 38-39). *Grosso modo*, baseado em fontes documentais e literárias, Martin Mirabel elenca sítios, lugares e pessoas com as quais Domenico se cruza ou faz amizade mas acrescenta-lhes adjectivações que nos sugerem cheiros, cores, texturas e sons. O livro é sedutor. A primeira tentativa de sedução figura na capa. Trata-se da reprodução daquele que poderá ser o único retrato individual pintado de Domenico Scarlatti presente numa colecção pública. Datado de *circa* 1739 e atribuído ao pintor italiano Domingo Antonio de Velasco, que certamente o debuxou em Madrid[3], o retrato de tamanho natural integra a colecção de pintura da Casa dos Patudos/Museu de Alpiarça, em Santarém. A composição apresenta a efígie de um homem que desempenha as funções de músico e integra a libré de criados domésticos, contudo, exuberantemente vestido. É um artista afamado e consciente disso: posicionado diante de um esplêndido cortinado que oculta parte do relógio[4] com mostrador em numeração romana e base decorada de anjos músicos (numa alusão à música divina), pousa a mão direita sobre um cravo (sou músico) e com a esquerda segura duas folhas de papel (sou um artista lido e recomendado), chamando-nos a atenção os dedos compridos e finos, que se adivinham ágeis, permitindo alcançar grandes extensões. O artista enverga um traje de cavaleiro fidalgo, com brocado amarelo-dourado e veludo azul-cinza, ostentando ao peito uma prestigiante insígnia da Ordem de Santiago, concedida pel'*O Magnânimo*, em 1738, e o cabo de uma espada (numa clara alusão à responsabilidade). Para além disso, o artista olha-nos directamente, orgulhoso do seu estatuto e do reconhecimento obtido em vida!

O conteúdo do livro parte de uma problemática: o que é uma sonata[5] de Domenico Scarlatti? Martin Mirabel responde: uma sonata de D. Scarlatti é um mundo em miniatura, cheio de subtilezas e de detalhes. Mundo esse que o autor revela, como se estivesse a desvelar cada uma das 555 sonatas para tecla que Domenico Scarlatti compôs e nos legou, baseado nas suas vivências na tríade mediterrânea composta por Itália, Portugal e Espanha.

A primeira parte do livro, "Comment devenir fils", centra-se na figura autoritária de seu pai Alessandro Scarlatti (Pietro Alessandro Gaspare Scarlatti), compositor de oratórias, cantatas, óperas e serenatas, e culmina na partida de Domenico para Sevilha, integrando a comitiva da infanta Maria Bárbara de Bragança. Sobre a ascendência de Alessandro Scarlatti (1660-1722) Mirabel é parco: músico de prováveis origens sicilianas, filho de um cantor e de uma instrumentista e sobrinho, pela parte materna, do mestre de capela da Catedral de Palerma (p. 16). Alessandro é um homem viajado, humilde, reconhecido e respeitado. Votado para a composição vocal, Alessandro é um talentoso músico da corte florentina de Ferdinando de' Medici fazendo parceria, inclusive, com o Cardeal Ottoboni (libretista). Naturalmente Alessandro é o primeiro mestre de seu sexto filho com Antonia Anzaloni, na ordem de dez, educando-o na premissa de que "un bon musicien ne mourra jamais de faim" (p. 16).

3 Comprado pelo melómano, violinista amador, empresário e político José Relvas a Mariano Hernandez (descendente do artista), em Madrid, em 1913, e legado ao Município de Alpiarça.

4 Como nos explana Émile Mâle, o relógio é o símbolo da temperança, característica que deve acompanhar as mais elevadas personalidades, e exprime a inexorável passagem do tempo. Tiziano, por exemplo, recorreu ao debuxo de relógios em vários retratos de personagens de estremada condição social, cultural e económica, remetendo-nos para essa intenção simbólica mas também para nos informar da devoção de certas personagens a esse objecto de colecção. Vide, entre os exemplos, os retratos individuais do sacerdote e diplomata Cristoforo Madruzzo (Museu de Arte de S. Paulo) ou o de matrimónio de Leonor Gonzaga, duquesa de Urbino (Galleria degli Uffizi). Noutros casos, a colocação de objectos ou de uma paisagem atrás de um cortinado é meramente simbólica, permitindo equilibrar a composição mas também integrá-la na moda vigente. Vide, entre os exemplos, os retratos das infantas Mariana de Austria e de Margarita Teresa, da autoria de Diego Velázquez. No retrato de Scarlatti em apreço, a presença do relógio nocturno em voga na corte espanhola e com a função de aluminar as horas durante a noite - para regular as actividades composicionais quase ininterruptas de Scarlatti? - e a ligeireza do seu desenho, com o ângulo errado do ponteiro das horas em relação ao ponteiro dos minutos, parece ter um significado meramente simbólico traduzindo uma personagem virtuosa, que se destaca pela temperança, prudência, auto-domínio, regra (dando alento à hipótese de que poderá ter sido sacerdote) e pontualidade ou exactidão.

5 Uma sonata é uma pequena peça para instrumento solista ou pequeno *ensemble*, no caso para instrumento de tecla, de aproximadamente três minutos e dividido em duas partes, sendo a segunda parte uma variação da primeira.

Acresce ao berço musical de Domenico, a rua onde cresce, a *Via* Toledo, em Nápoles, onde também se situa o Teatro Borromeu, centro nevrálgico da ópera e onde trabalha seu pai (p. 22). Mirabel vai elencando os vários encontros e aprendizagens de Domenico com figuras de proa na época: Bartolomeu Cristofori, o célebre construtor de cravos e de pianofortes; com os *castrati* ou compositores *Nicolino* (Nicolò Grimaldi), Gasparini, Haendel e Roseingrave, em Veneza; com a rainha Maria Casimira d'Arquien da Polónia para quem compõe várias óperas (*La conversione di Clodoveo re di Francia*; *La Silvia, Tolomeo e Alessandro, overo la corona disprezzata* ou *Tetide in Sciro*), exilada em Roma. Entre 1714-19, Domenico trabalha como mestre de capela na Capela Júlia, no Vaticano. Por essa altura compõe um *Stabat Mater* para dez vozes e escreve a sua última ópera, *Berenice, regina d'Egitto ovvero le gare d'amore e di politica,* a meias com Nicola Porpora (p. 136). Dá-se o encontro com Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses, o Marquês de Fontes, embaixador de D. João V junto do Papa Clemente XI, para quem deverá ter trabalhado pontualmente e que servirá de ponte para entrada de Domenico em Lisboa, na altura um importante centro artístico e cultural. Nesse ano de 1719 é contratado por D. João V, *O Magnânimo*, para professor de cravo do infante D. António e de Maria Bárbara, como se pode ler, aliás, na dedicatória dos *Essercizi*. Domenico dirigirá também a orquestra e o coro do Seminário da Patriarcal, contactando com Carlos Seixas (1704-42). Domenico interrompe, entretanto, a sua estadia na cidade para viagens a Paris, Nápoles e Roma, onde se encontra com Johann Joachim Quantz, o castrado Farinelli ou Adolph Hasse. A 22 de Outubro de 1725 morre-lhe o pai, em Nápoles. Logo depois, em 1728, casa-se pela primeira vez com Maria Catalina. Em Novembro de 1729 parte para Sevilha e depois para Andaluzia, na comitiva de sua pupila Maria Bárbara que acabara de casar com o infante D. Fernando VI, príncipe das Astúrias, dois protectores melómanos.

Na segunda parte, "Comment devenir père", o autor foca-se no tempo heteróclito de um Scarlatti que assiste à emergência e à consolidação de vários géneros musicais e estilos – madrigais de Monteverdi, Kapsberger, Rameau, Frei Manuel Cardoso; oratórias de Haendel; cantatas de Bach, etc. – e na sua estadia em Espanha. Primeiro em Sevilha (1729) e depois em Madrid (1733) dando-se pouco depois o terrível incêndio na noite de Natal do Real Alcázar de Madrid, residência de Filipe V. Domenico permanecerá ao serviço da infanta e rainha Maria Bárbara consorte de Fernando VI até à sua morte. Mirabel sente-se tentado e tange um ponto sensível mas que não deverá passar de uma questão cinematográfica: o amor impossível entre Domenico Scarlatti e a sua mais talentosa pupila Maria Bárbara de Bragança.

Este período fica também marcado pela convivência e amizade com o célebre castrado *Farinelli*, Carlo Maria Michelangelo Nicola Broschi, que parece ter sido contratado para ajudar a curar as crises de demência do rei Filipe V! A propósito de Filipe V, o autor levanta uma questão importante e inerente ao valor da iconografia musical: recorda-nos a enorme tela da colecção do Museo del Prado da autoria do pintor régio de origem francesa Louis Michel van Loo, 1743, que debuxa *A Família de Filipe V* num salão fantasiado, a ouvir música. Entre os retratados[6], Domenico Scarlatti parece figurar numa tribuna de músicos, colocada no topo do salão, à direita e de perfil. De salientar que à época Domenico já havia sido agraciado como cavaleiro fidalgo da Ordem de Santiago e já havia visto a publicação dos seus *550 Essercizi* em Paris e em Londres, não sendo de estranhar que fosse um dos escolhidos para figurar em tão ilustre composição!

Grosso modo, ao longo deste segundo capítulo Mirabel faz-nos percorrer de forma muito gráfica várias cidades europeias, sobretudo, os faustos da corte de Fernando de' Medici em Florença; os luxuosos palácios de Veneza; a corte aristocrática de *Marysieńka*, a Maria Casimira da Polónia, rainha exilada em Roma; as munificências de D. João V em Lisboa; ou a corte de Maria Bárbara em Sevilha e em Madrid, à qual acorrem vários músicos portugueses. No Monasterio de El Escorial, Domenico encontra o Padre Soler, que se torna seu discípulo. Escreve pouco depois a sua última obra, *Salve Regina,* 1756, morrendo em Madrid, a 23 de Julho de 1757, tendo sido enterrado no

6 Mariana Victória de Bourbon; Maria Bárbara de Bragança; Fernando VI; Filipe V; infante Luís de Espanha; Isabel de Farnese; infante Filipe de Espanha; Maria Luísa Isabel de França; infanta Maria Teresa; infanta Maria Antónia Fernanda; Maria Amélia da Saxónia; Carlos III, Rei de Nápoles; e as pequenas Isabel da Áustria e Maria Isabel de Nápoles e Sicília.

Convento de S. Norberto[7], destruído no início do século XIX por ordem de Bonaparte (p. 92). A sua morte parece também encerrar os reinados melómanos em Espanha dando lugar a reinados mais pragmáticos, funcionais, ordenados e definidos. De salientar, também, que dos dois casamentos que originaram pelo menos nove filhos, por maldição, nenhum deles haveria de seguir a carreira musical de forma afincada, rompendo-se, assim, uma tradição familiar centenária (p. 89). Restava a continuação do seu legado através da música historicamente informada e das interpretações modernas da sua obra, como relatará o autor.

A terceira e última parte do livro, "Comment devenir Esprit", é um capítulo dedicado à morte e à ressurreição de Domenico Scarlatti. Martin Mirabel apresenta um elenco de intérpretes que contribuíram para o renascimento da música do tempo do Barroco e da obra de Domenico Scarlatti. Wanda Landowska (1879-1959), reputada cravista, musicóloga e pedagoga[8] russa, teve um importante papel na ressurreição das sonatas historicamente informadas para cravo de Domenico Scarlatti. Como acrescenta o autor, "[l]e goût de Wanda pour la musique ancienne s'accompagne d'une intuition qui ne la quittera jamais: la musique ancienne doit être jouée à partir des instruments anciens" (p. 99). Ao decisivo papel de Landowska, seguiu-se-lhe o aluno Ralph Kirkpatrick (1911-1984), cravista e musicólogo, autor de uma biografia intitulada *Domenico Scarlatti* (Princeton University Press, 1953), de uma edição crítica à obra do artista intitulada *Sixty Sonatas* (G. Schirmer, 1953) e da organização aturada do elenco de sonatas de Domenico, hoje precedidas da sigla K. (números Kirkpatrick e que aparentemente seguem uma ordem cronológica). Para além de Landowska e de Kirkpatrick, o autor salienta outros contributos para a ressurreição da obra de Domenico Scarlatti: o compositor e maestro italiano Alfredo Casella (1883-1947); o empresário e fundador dos *Ballets Russes*, Serguei Diaghilev (1872-1929); ou o poeta e dramaturgo Gabriele d'Anunzio (1863-1938); que de uma forma ou de outra integraram a música de Domenico nas suas produções. Na década de sessenta, com a redescoberta do Barroco musical, obras de Bach, Scarlatti ou Couperin são transcritas para outros instrumentos, iniciando-se a conhecida e viva querela entre os barrocos e os ditos modernos! De um lado, Leonhardt, Boulez ou Scott Ross. Ross, por exemplo, gravou integralmente as 555 sonatas para cravo em trinta e quatro CD's (Erato, 1998). Do outro lado, Vladimir Horowitz, Marcelle Meyer ou Ivo Pogorelich, que interpretavam a música antiga ao piano. Historicamente informada ou interpretação moderna ao piano, Domenico Scarlatti afirma que VIVÍ FELICE (como o indica nas últimas palavras colocadas nos *Essercizi*).

Por fim, ao longo do livro notámos algumas incongruências na citação da família Scarlatti, nomeadamente quando Martin Mirabel se refere a um tio-avô de Domenico, pela parte materna, *maestro di capella* de Palermo (p. 16). Julgamos tratar-se de um tio, pela parte paterna, de nome Francesco Nicolla Scarlatti, nascido no ano 1666, e já revelado nalguma bibliografia dada à estampa. Para além disso, o autor menciona trabalhos incontornáveis de Ralph Kirkpatrick, Richard Boulanger, Malcolm Boyd, Dean Sutcliffe ou Roberto Pagano mas estranhamos a ausência de fontes portuguesas da autoria de Manuel Carlos de Brito, Gerhard Doderer, João Pedro d'Alvarenga, ou de estrangeira da autoria de Elvidio Surian[9]. Nas referências discográficas sentimos falta da obra gravada da exímia Cremilde Rosado Fernandes. De somenos, referimos também algumas gralhas como, entre as referências literárias, de *Le Dieu manchot* (Points, 2008) cujo autor é José Saramago (p. 138). Em suma, o livro aborda os primórdios às vivências de Domenico, passando pela forma como a sua obra é recebida no *post mortem* e até 2019. O leitor atento demarcará bem a objectividade da subjectividade que o autor lhe imprime de quando em vez e é um excelente complemento às audições (podendo começar-se pela sonata K. 380). Embora o livro não traga novidades, levanta questões, é directo e conciso, e parece-nos ideal para uma primeira incursão na vida e obra de Domenico Scarlatti, que urge mais estudos.

7 Estaria situado junto à Gran Vía.

8 Substitui Isaac Albéniz na *Schola Cantorum*, Paris. É autora de *Musique ancienne* (Paris, 1909).

9 Ou as esquecidas notas do musicólogo italiano Elvidio Surian, "Domenico Scarlatti e la emigrazione di musicisti italiani in Portogallo". In Manenti, A. (dir.), Estudos italianos em Portugal, 51-53. Lisboa: Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, 1990.